

**Luize Andreazza Bussi<sup>1</sup>**  
**Maicon Douglas Livramento**  
**Nishimura<sup>2</sup>**  
**Mariana Silva Villela<sup>3</sup>**  
**Rodrigo Gonçalves dos Santos<sup>4</sup>**

# **Intervenção artístico- performática em praça pública de Florianópolis:** um estímulo para a amabilidade urbana

Artistic-performance intervention  
in a Florianópolis public square: a  
stimulus for urban amiability

Intervención artística performática  
en plaza pública  
de Florianópolis: un estímulo para la  
amabilidad urbana

## Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa sobre relações pessoais e espaciais urbanas, realizada por meio de uma intervenção artístico-performativa de caráter temporário, em praça pública da cidade de Florianópolis, SC. A intervenção baseou-se no conceito de amabilidade urbana cunhado por Adriana Sansão Fontes, com o objetivo principal de promover relações de proximidade e intimidade entre pessoas, e entre pessoas e espaço, buscando ativar um equipamento urbano aparentemente subutilizado. A pesquisa aplicou as oito dimensões da intervenção temporária propostas por Fontes: transitória, pequena, particular, participativa, relacional, ativa, interativa e subversiva. Com o apoio bibliográfico, com a proposta de uma dinâmica preliminar à intervenção e com a consciência do que pretendíamos pesquisar, experimentamos o potencial transformador da arte relacional. Transformamos temporariamente um espaço e também saímos transformados. Esse artigo visa, portanto, apresentar uma experiência de inquietação, desestabilização, ação e transformação individual e coletiva, pessoal e espacial, e assim contribuir com os estudos acerca das intervenções artísticas temporárias.

**Palavras-chave:** Intervenção artístico-performativa. Praça pública. Amabilidade urbana.

---

<sup>1</sup>Arquiteta e Urbanista pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1996), especialista em Projetos pela mesma instituição (2005) e discente de mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina; <http://lattes.cnpq.br/1946161102740666>; <https://orcid.org/0000-0001-6768-680X>; [luize@arqlb.com.br](mailto:luize@arqlb.com.br).

<sup>2</sup>Administrador (2012) e Designer de Moda (2018) pela Universidade do Estado de Santa Catarina, mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018) e discente de doutorado em Design pela Universidade Federal de Santa Catarina; <http://lattes.cnpq.br/8081857846147311>; <http://orcid.org/0000-0002-9750-0778>; [mn.mura@outlook.com](mailto:mn.mura@outlook.com).

<sup>3</sup>Arquiteta e Urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1997), especialista em Marketing (Master of Business Administration - MBA) pela Fundação Getúlio Vargas e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017); <http://lattes.cnpq.br/3551953886517622>; <http://orcid.org/0000-0002-7074-4027>; [arq.marianavillela@gmail.com](mailto:arq.marianavillela@gmail.com).

<sup>4</sup>Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999), mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003) e doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). É professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PósARQ da Universidade Federal de Santa Catarina; <http://lattes.cnpq.br/6817263676135627>; email: [rodgonca@gmail.com](mailto:rodgonca@gmail.com).

### **Abstract**

This paper presents research on personal and spatial urban relations, carried out through a temporary artistic-performance intervention, in a public square in the city of Florianópolis, SC. The intervention was based on the concept of urban amiability coined by Adriana Sansão Fontes, mainly aiming to promote relationships of closeness and intimacy between people, and between people and space, seeking to activate seemingly underutilized urban equipment. The research applied the eight dimensions of temporary intervention proposed by Fontes: transient, small, private, participatory, relational, active, interactive and subversive. Supported by a bibliography, proposing preliminary dynamics to the intervention and being aware of what we intended to research, we experienced the transformative potential of relational art. We temporarily transform a space and we also leave transformed. This article aims, therefore, to present an experience of individual, collective, personal and spatial restlessness, destabilization, action and transformation, and thus contributes to studies on temporary artistic interventions.

**Key-words:** Artistic-performance intervention; Public square; Urban amiability.

### **Resumen**

Este artículo presenta una investigación sobre las relaciones personales y la espacialidad urbana, realizada por medio de una intervención artística performática de carácter temporal, en plaza pública de la ciudad de Florianópolis, SC. La intervención tiene su base en el concepto de amabilidad urbana acuñada por Adriana Sansão Fontes, con el objetivo principal de estimular las relaciones de proximidad e intimidad entre personas, y entre personas y espacio, buscando activar un equipo urbano aparentemente infrutilizado. La investigación aplicó las ocho dimensiones de la intervención temporal propuestas por Fontes: transitoria, pequeña, particular, participativa, relacional, activa, interactiva y subversiva. Con el apoyo bibliográfico, con la propuesta de una dinámica preliminar a la intervención y con conciencia de lo que pretendíamos investigar, experimentamos el potencial transformador del arte relacional. Transformamos temporalmente un espacio y también salimos transformados. Este artículo pretende, por lo tanto, presentar una experiencia de inquietud, desestabilización y transformación individual y colectiva, personal y espacial, y así contribuir a estudios sobre intervenciones artísticas temporales.

**Palabras clave:** Intervención artística performática; Plaza pública; Amabilidad urbana.

## 1. As variações dos nossos “eus” e as relações que transitam nos intervalos contextuais

O presente artigo procura refletir sobre o binômio inquietação-afetação discutido durante a disciplina In(ter)venções Urbanas: a arte e arquitetura como construtoras de dissensos. Estas afetações surgiram durante as dinâmicas vivenciadas e foram confrontadas com inquietações teóricas que provocaram desestabilização interna a ponto de buscarmos referências bibliográficas e experimentais para ampliação de entendimento. As bases metodológicas da disciplina pautavam-se em:

[...] textos tutores da disciplina, abordando experimentações de in(ter)venções urbanas a partir dos seguintes disparadores conceituais: (1) eu comigo, (2) eu com o outro, e (3) eu com os outros. Montagem, organização e apresentação de experimentos teóricos, práticos e conceituais articulados por uma escrita experimental acerca das in(ter)venções (GONÇALVES, 2019, p.03).

A cada encontro saíamos com mais questões e reflexões que nos acompanhavam durante a semana. Corpo? Ressonância? Estético-político? Dissenso? Espaço? Não-lugar? Algumas perguntas pareciam triviais e nos questionávamos por que ainda não as tínhamos feito. Outras, no entanto, ganhavam maior dimensão em meio às discussões construídas em sala de aula. Cada texto sugerido e cada debate permeavam desde aqueles sentimentos que estavam expostos até os que, com medo de exposição, estavam bem escondidos.

Fomos convidados à reflexão sobre a interação de corpos: o corpo pesquisador (eu) e o corpo pesquisado (a cidade). O meio proposto para a interação foi uma intervenção artística por meio do corpo; não o corpo-objeto, mas o corpo como campo dos fenômenos percebidos, experienciados e significados, o corpo sensível de Merleau-Ponty (1999). Questionamo-nos: qual o afeto do corpo da cidade no nosso corpo? O que nos instiga, motiva, desestabiliza? O que pretendemos pesquisar? Como podemos intervir artisticamente?

No contexto de aceleração da vida contemporânea, vislumbramos a possibilidade de usar a efemeridade em seu lado positivo, como sinal de liberdade e válvula de escape dos indivíduos. Nosso ponto de partida foi a pesquisa de Fontes (2011) sobre amabilidade urbana e intervenções temporárias. No âmbito coletivo de indiferença, superficialidade, hostilidade e individualismo nas relações urbanas, aprendemos uma forma de intervir para gerar relações de proximidade e intimidade. Ao investigar ações artísticas temporárias e contestatórias nas cidades, a autora buscou verificar a sua interferência nos espaços coletivos e sua capacidade de gerar amabilidade. A amabilidade seria, portanto, a qualificação do espaço como antídoto do estado de indiferença, hostilidade e individualismo. O espaço amável promove ou facilita afeto e proximidade, criando vínculos tanto entre as pessoas e os espaços quanto entre pessoas. “De certa maneira, trata da expansão da ideia de intimidade para os espaços urbanos contemporâneos” (FONTES, 2011, p. 14).

Sennett (2008, p. 289) pontua a indiferença como característica das relações sociais urbanas: “O individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na

cidade. A rua, o café, os magazines, o trem, o ônibus e o metrô são lugares para se passar a vista, mais do que cenários destinados a conversações". O autor vai além da reflexão, sinalizando um caminho de atuação:

Nosso entendimento a respeito do corpo que temos precisa mudar, a fim de que em cidades multiculturais as pessoas se importem umas com as outras. Jamais seremos capazes de captar a diferença alheia enquanto não reconhecermos nossa própria inaptidão. A compaixão cívica provém do estímulo produzido por nossa carência, e não pela total boa vontade ou retidão política (SENNETT, 2008, p. 300).

Recorrendo a Bourriaud (2011, p. 100), entendemos que a arte contém o real, o imaginário e o simbólico, "[...] permitindo-nos mantê-la em perpétuo movimento e nela introduzir, portanto, a utopia e a alternativa". A arte mais do que expressiva. A arte questionadora. De um corpo para outro corpo. De um corpo para corpos. De corpos para corpos. De corpos para um corpo.

Inquietações surgiram ao refletirmos sobre uma proposta de intervenção na cidade. Percebemos o afeto e fazemos a crítica, ou criticamos para provocar um afeto? Onde a minha, a nossa subjetivação, encontra a do outro? Onde nos provocamos? Qual o alcance da arte-intervenção nessa sensibilização do outro? Se nem sempre nos afetamos da mesma forma com aspectos básicos ou objetivos de nossas vivências, o que dirá com a subjetividade, na velocidade, efemeridade e multiplicidade a que estamos expostos em sociedade?

Escolhemos uma praça pública para a intervenção artística. Existem ações de caráter estrutural, funcional, sistêmico e permanente, vislumbradas em projetos de revitalização do desenho e execução arquitetônica da praça. À parte dessas ações, objetivou-se: a) promover a transformação individual, coletiva e urbana por meio da intervenção; b) possibilitar novas e positivas conexões entre: a pessoa consigo mesma pertencendo a e estando em um lugar; a relação lugar-pessoa e a relação pessoa-pessoa; c) promover uma ruptura no cotidiano que ofereça aos pedestres, frequentes ou eventuais, o uso de lentes subjetivas que ampliem a visualização de qualidades do espaço físico para que nele aconteçam novas conexões; d) gerar amabilidade no espaço público. A proposta era provocar afetos positivos nos passantes, com aproximações entre pessoas e/ou entre pessoas e o local. Ativar conexões.

## 2. Corpo, arte e percepção

A cada novo conteúdo, os questionamentos lançados na introdução deste artigo alternavam-se entre respondidos e geradores de novas perguntas. Nesse percurso, pretendia-se investigar transformações em escala sutil e afetiva, comprometidas mais com as demandas antropológicas e subjetivas do que propriamente urbanas e fisicamente construtivas. Transformações que promovessem percepções das qualidades urbanas para além de pequenos grupos. De modo que "O cotidiano Lefebvriano seria, portanto, um pano de fundo para atividades que prepara/possibilita os saltos criadores" (FONTES, 2011, p. 32).

Nesse contexto, podemos considerar que este artigo científico-performativo, assim como as ações nele relatadas e suas respectivas reverberações, tem como fio condutor o conceito de amabilidade urbana defendido por Fontes (2011, p. 12) como “[...] atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita o afeto e a proximidade, opondo-se ao individualismo por muitas vezes característico das formas de convívio coletivo contemporâneas”.

Por esse viés pretende-se ressignificar o espaço urbano reconhecendo-o como lugar antropológico, palco de relações interpessoais de Marc Augé (1994), bem como o espaço de Michel de Certeau (1990 apud AUGÉ, 1994, p. 75) que o considera como o “[...] ‘lugar praticado’, um ‘cruzamento de forças motrizes’: são os passantes que transformam em espaço a rua geometricamente definida pelo urbanismo como lugar”. E, assim, criar algo de inusitado para que os passantes frequentes ou ocasionais recebam uma dose inesperada de carinho que os leve a criar relações positivas com a praça a fim de que estas relações promovam uma sutil e delicada memória afetiva ou ainda a superação de algum sentimento ou experiência negativa nesse espaço.

No processo de inquietação-afetação, a partir da interpretação de Careri (2017), em sua obra *Caminhar e Parar*, nos lançamos ao processo de deriva, de nos permitirmos seguir o vento e tirar proveito dessa energia, e do parar, de ancorar para conhecer de perto outros territórios. Sempre fomos adeptos de caminhar à deriva e tentamos por algumas vezes trazer isso para outras esferas mais abstratas do cotidiano. Foi o conceito de parar do autor que parece ter trazido clareza de certos conflitos vividos por cada um de nós. O desbravar desperta para escolhas de onde parar, como vivenciar esse momento e quando ir embora, se é que é preciso ir embora. Assim, refletíamos acerca de âncoras morais, as quais nos obrigam a parar, todavia apegados à deriva para saber aproveitar o melhor daquele momento.

O caminhar também fez parte do nosso ideário criativo-teórico, nos aproximou e nos trouxe intimidade com o locus onde interviríamos e do qual esperávamos uma ressignificação, uma troca. Conforme Fontes (2011, p. 39), que parafraseia Lefebvre (1999), “[...] nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, sem relações”. O caminhar de Hillman (1993, p. 53), que “[...] acalma a alma, e as agitações da mente começam a tomar um rumo. Caminhando estamos no mundo, encontramos-nos num lugar específico e, ao caminhar nesse espaço, tornamo-lo um lugar [...]”. O caminhar que nos colocava em contato com o movimento de nossos corpos, o corpo de Merleau-Ponty (1999, p. 269) que “[...] não é um objeto [...]. Ele é sempre outra coisa que aquilo que ele é [...], enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado”.

Assim, entre questionamentos respondidos e gerados, nossa inquietação-afetação foi criando forma para uma intervenção na cidade.

### 3. Métodos e experimentações

A metodologia ampara-se na experimentação do espaço (a praça pública como lugar praticado) e de “antídotos” contra características hostis deste espaço. Estas ca-



racterísticas são provenientes dos textos tutores e de informações de veículos de comunicação e moradores próximos.

A tomada de decisão pela escolha do tipo de intervenção baseou-se fundamentalmente em três momentos e nas seguintes situações empíricas paralelas, que podem ser observadas na figura a seguir:

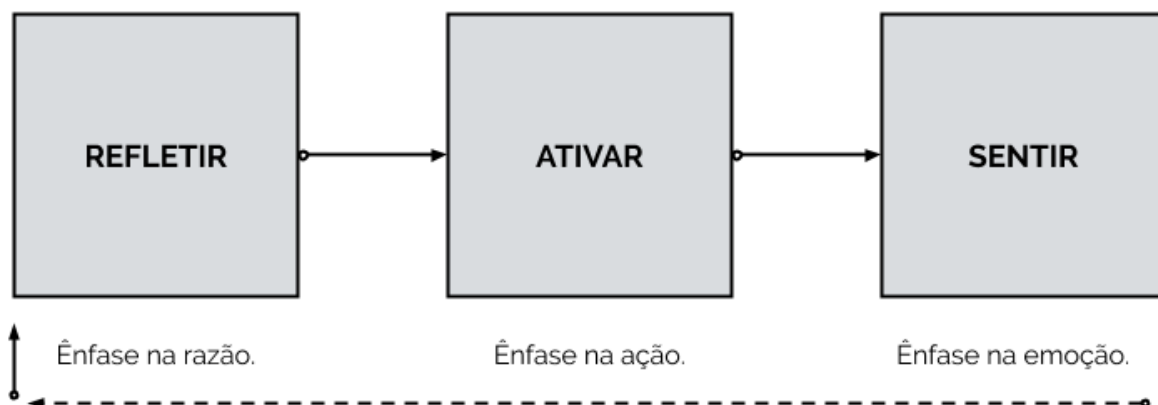


Fig. 1: Esquema dos momentos norteadores. Fonte: autores (2019).

Refletir sobre a hostilidade e a indiferença por meio de leituras, pesquisas, conversas. Esta etapa incluiu o lançamento das ideias sobre como intervir. Ativar o local com uma ação amável e sentir a reverberação da experiência. Ativar compreendeu a preparação dos recursos, a nossa presença performática na praça e o legado material e imaterial da nossa intervenção. Sentir envolveu a percepção sensorial e emocional da experiência, em nós, a partir de nós, nos outros e na praça. E o ciclo voltou ao começo. Refletir...

### 3.1. A dinâmica interventiva

A partir de uma dinâmica desenvolvida em sala de aula junto à turma, intitulada "Dinâmica Interventiva", foram expostos os principais afetos e inquietações lidos na pesquisa de Fontes (2011), tema de discussão designado à equipe. Nossos colegas foram convidados a participar dessa dinâmica interventiva, na qual procuramos explorar os conceitos sobre a interferência nos espaços coletivos e sua capacidade de gerar amabilidade.

Após uma breve introdução e um vídeo conceitual, o corpo afetado pela hostilidade e indiferença expressou uma palavra síntese e a amarrou a um suporte escolhido no pátio central da faculdade (fig. 2). Com a outra ponta do fio colorido, seguiu para uma área central do pátio, onde encontrou os demais. Em silêncio, olhou o outro por alguns minutos (fig. 3). Percebeu o outro. Do afeto pela indiferença ao afeto pela presença.



Fig. 2. Palavra amarrada no entorno do pátio. Fonte: autores (2019).



Fig. 3. Dinâmica em dupla no centro do pátio. Fonte: autores (2019).



Fig. 4. Fios sendo recolhidos no dia posterior à dinâmica interventiva. Fonte: autores (2019).

Com empatia ou desconforto pessoal, a experiência foi debatida coletivamente. Os fios permaneceram até o dia seguinte, quando então foram recolhidos por uma desconhecida, para propósitos não identificados (fig. 4).



## 3.2. A intervenção

A dinâmica e as percepções obtidas a partir dela foram sinais norteadores da intervenção que se propôs como uma ampliação de contribuição efêmera a um equipamento urbano designado ao convívio. Observa-se que a ampliação não se traduz no aumento da escala e proporção da dinâmica anterior e sim no alcance além-acadêmico.

A intervenção proposta segue assim os mesmos critérios justificados como as oito dimensões da intervenção temporária propostos por Fontes (2011): (1) transitória: essencialmente temporária, de curta duração; (2) pequena: baseada em relações de vizinhança; pequeno raio de ação; escala local; (3) particular: contexto social e espacial específico; (4) participativa: com envolvimento ativo do(s) interventor(es); (5) relacional: reforça os laços comunitários e/ou possibilita aproximações e conexões; (6) ativa: movimentada e/ou reconquista o espaço a partir de novas apropriações; (7) interativa: promove usufruto e vitalidade do espaço, conexões entre pessoas e espaço; (8) subversiva: insere novas atividades no espaço, estranhas ao cotidiano local.

### 3.2.1. O lugar da Intervenção

Ainda que fosse possível perceber o barulho do trânsito no entorno, a tal aceleração da vida contemporânea acontecendo, com carros saindo apressados da rotatória e luzes se acendendo, e que também àquela altura já tivéssemos ouvido recomendações sobre os perigos da praça, ainda assim foi irresistível não “entrar” naquele espaço. Os afetos prévios provocados pelo local em nossa equipe foram: (1) para Alfa, que vive na cidade: percepção de vazio; (2) para Beta, que vive em outra cidade: curiosidade; (3) para Gama, também moradora da cidade: percepção de abandono.

“Entrar” nos proporcionou a sensibilização:

O exercício do passeio por ruas, jardins e praças do lugar onde se mora funciona, basicamente, como um processo de identificação entre o homem e o seu ambiente vital. Processo esse o qual resulta uma dupla identidade: primeiro, a de quem passeia, um indivíduo que, em seu caminhar, pode se reconhecer cotidianamente na paisagem, verdadeiro repositório de símbolos e marcos de sua biografia pessoal, e, depois, da própria cidade, a qual, antes de ser um mero conjunto utilitário de prédios e ruas, mostra-se sobretudo como uma ideia e um sentimento no corpo de seus habitantes. [...]. Dessa relação, portanto, emerge em nós um sentimento de instalação no mundo e de compromisso social, não só com o próximo, a partilhar o mesmo espaço, mas também com o nosso ambiente e as coisas que o preenchem. Passear pela paisagem urbana se mostra, pois, fundamental para a constituição de uma realidade estável, sensível e acolhedora, uma realidade com a qual nos identificamos e pela qual nos sentimos um pouco responsáveis (DUARTE JR. 2001, p. 81-82).

Como equipamento urbano, a praça Santos Dumont (fig. 5) é um espaço importante na malha urbana e na memória afetiva dos moradores do bairro da Trindade, em Florianópolis. Ela é vizinha do Teatro da UFSC, da Igreja da Santíssima Trindade e

da rua Lauro Linhares. É bastante arborizada e dotada de diferentes cotas de níveis que formam canteiros e patamares. Sua extensão possibilita a existência de vários “subespaços” em detrimento de um espaço amplo e integrativo. O desnível também proporciona diferentes acessos a partir de escadarias. Nota-se em alguns pontos que os acessos por meio de escadarias deparam-se com áreas gramadas onde o usuário precisa “abrir” seu caminho. Devido a suas árvores frondosas, o espaço aparenta inicialmente ser convidativo ao relaxamento e à permanência, não fosse a má conservação, segurança e manutenção do local. Segundo matéria publicada em canais turísticos, “[...] entre as décadas de 1970 e 1980, a Prefeitura realizou o Projeto Cura [...] foi a partir desse projeto que se definiu o atual desenho da Praça Santos Dumont, com canteiros e escadas” (GUIA FLORIPA, 2019).



Fig. 5. Praça Santos Dumont, bairro Trindade, Florianópolis. Fonte: Google (2019).

Cogita-se que a topografia e a decisão por inserção de canteiros, escadas e pequenos ambientes configurem um “plano de suporte” talvez desfavorável em termos de amplitude e interação e que promove lugares residuais e inseguros.

Conhecida principalmente por ser palco da famosa Festa da Laranja, como é mais conhecida a Festa da Paróquia da Santíssima Trindade, que acontece todos os anos no mês de junho. Durante a década de 1990, o evento passou a ser conhecido como Festa da Laranja [...]. No entorno da praça, há um pequeno shopping center, prédios comerciais, e bares que concentram confraternizações estudantis durante todo o ano (GUIA FLORIPA, 2019).

Desde 2012, com a demolição de duas edificações, interditadas em 2011, aguarda-se execução de projeto de revitalização da praça por parte dos órgãos competentes.

Em matéria publicada por veículos independentes, conta-se que foram encontrados corpos quando da demolição, o que acarretou uma memória sombria do local. Segundo percepção relatada por frequentadores, “Por causa da insegurança, a praça fica vazia e os equipamentos de lazer parados” (NDMAIS, 2012) e, ainda, conforme depoimento da Associação de Moradores da Trindade:

As famílias trindadenses, especialmente crianças e idosos, não podem contar com aquele espaço, seja para uma caminhada, brincadeira, ou mera contemplação do lugar e pessoas, pois não há equipamentos urbanos mínimos, que indiquem o cuidado dos órgãos públicos, tanto na manutenção e poda das espécies vegetais, quanto de bancos, passeios, etc. Este estado de abandono favorece a ocupação da praça pública pelos comerciantes e usuários de drogas, tornando o local totalmente inseguro (G1 SANTA CATARINA, 2019).

Além da sensação<sup>1</sup> de insegurança, abandono e perigo relatada pelos moradores vizinhos, há que se considerar que, embora indesejáveis, ocorrem relações de pertencimento e apropriações por parte de outra população, como o caso de pessoas em situação de rua, que encontram na praça o seu refúgio, a sua referência. Nela ocorre a interação e a socialização de um grupo de pessoas que voluntária ou involuntariamente escolhe a cidade como seu lar.

Entendendo os padrões propostos por Christopher Alexander, de acordo com Peixe e Tavares (2018, p. 06), como “[...] derivados das observações de atributos espaciais de lugares apreciados por seus usuários e que incorporam profundo conteúdo humanizador”, sob que perspectiva o espaço está sendo (des)qualificado? Seria possível pensar em práticas que melhorassem as sensações que este espaço oferece? Qual seria a inquietação comum que nos faria, como autores, nos submeter a uma intervenção nesse espaço público? Quais seriam as sensações individuais resultantes deste processo coletivo?

#### **4. A intervenção como resultado: relações na cidade**

Os elementos escolhidos para a intervenção foram: nossos corpos; fios de lã e de malha coloridos; palavras amáveis moldadas em arame e corda, selecionadas a partir do texto que nos inspirou e de um poema<sup>2</sup> escrito por um dos autores que fala de encontros que não acontecem; uma caixa de papelão aberta; uma câmera fotográfica; e, uma pessoa de apoio para o registro imagético da ação. As palavras selecionadas foram: amar, encontrar, lembrar, imaginar, sonhar e conectar.

Poderia ser um cartaz, uma faixa pintada com tinta guache, talvez não importasse, mas, se o propósito era a requalificação do espaço urbano, a melhoria da percepção do usuário e a transformação do espaço por meio da amabilidade, o objeto palpável da intervenção requeria carinho, cuidado, atenção. As palavras foram retiradas dos textos tutores que nortearam este percurso e exigiam o “fazer manual”,

1 A expressão “sensação” é compreendida pelo sentimento que acompanha a percepção de algo.

2 BUSSI, Luize Andreazza. Possibilidades certas. Disponível em: <[https://docs.wixstatic.com/ugd/8481c8\\_5d1cd8b80e2145cd85d55bc5b442f1df.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/8481c8_5d1cd8b80e2145cd85d55bc5b442f1df.pdf)>. Acesso em: 06.12.2019.



semelhante à exposição *As Linhas do Corpo*<sup>3</sup>, visitada após a realização da intervenção e marcada pela mesma habilidade em prol de transformar o indivíduo. A figura 6 ilustra a confecção das palavras e a figura 7, as palavras prontas.



Fig. 6. Confecção das palavras. Fonte: autores (2019).



Fig. 7. Palavras prontas. Fonte: autores (2019).

Iniciamos com uma prática corporal para que nos desligássemos dos pensamentos racionais e libertássemos nossos corpos para a experiência. Vestidos de preto e descalços, simbolizávamos a neutralidade e a entrega do nosso corpo à intervenção (fig. 8). A ativação do corpo interligava nossas percepções e sensações aos pensamentos e reflexões daquilo que nos propusemos com a intervenção artístico-performativa. Segundo Llansol (2011, p. 59), “Eu não faço separações. Para ser real e para dizer realmente como eu apreendo – apreendo estando lá. Eu acho que sinto, vejo, penso, tudo é simultâneo (...). Pensar é com o corpo...”.

Como que acordados de nossos respectivos sonos de indiferença ou de anestesia, levantávamos e íamos ao encontro de árvores distantes de nós, desenrolando um emaranhado de fios de lã, e as presenteávamos com palavras amáveis. Em seguida, retornávamos ao núcleo da intervenção. Após cada um fazer, individualmente, essa dança-diálogo, sentávamos e aguardávamos o despertar e o retorno do outro (fig. 9 e 10).

<sup>3</sup> Exposição organizada por Susan Mariot e Priscila Mendes Gobbi, em setembro de 2019, na Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina.



Fig. 8. Preparação do corpo em roda. Fonte: autores (2019).



Fig. 9. Performance em curso, no estágio "sono". Fonte: autores (2019).



Fig. 10. Performance em curso, no estágio "levar a palavra e o fio à árvore". Fonte: autores (2019).



Deitar. Levantar. Escolher uma palavra. Amarrar na árvore. Voltar com o fio. Conectar ao centro. No processo, silêncio. Concentração. Consciência. O corpo presente. A relação do corpo com o espaço, a ação intencional, o questionamento daquela "casa". O questionamento das relações que ali se estabeleciam, ou não. Uma ativação inusitada, silenciosa, colorida, do centro à borda e da borda ao centro. Uma amarração de significados.

Assim, sucessivamente, cada um de nós deixou algumas palavras em árvores aleatórias, aparentemente distantes de nós, e as interligamos novamente ao centro numa união de fios coloridos em torno da palavra conectar (fig. 11, 12 e 13).



Fig. 11. Amarração da palavra Lembrar. Fonte: autores (2019).



Fig. 12. Amarração da palavra Amar. Fonte: autores (2019).



Figura 13. Amarração ao centro, na palavra Conectar. Fonte: autores (2019).

Uma intervenção artístico-performativa com exploração do nosso afeto de forma simbólica, lúdica, amável e imaginativa.

A arte é, portanto, uma espécie de ilha de edição tosca que apreende o real pela forma. De modo mais geral, essas obras produzem a ficção de um universo que funciona de forma diferente. [...] a dimensão ficcional da arte vem romper a cadeira da realidade, devolvendo-a à sua natureza precária, à mescla instável de real, imaginário e simbólico que ela contém: essa ficção amplia a realidade, permitindo-nos mantê-la em perpétuo movimento e nela introduzir, portanto, a utopia e a alternativa (BOURRIAUD, 2011, p. 99-100).

Recordando *O Abecedário de Gilles Deleuze* (DELEUZE, 1996, p. 44), “Os conceitos não nascem prontos, não andam pelo céu, não são estrelas, não são contemplados. É preciso criá-los, fabricá-los”. Assim como os conceitos, as intervenções, por mais programadas que sejam, ao serem criadas pela experimentação, assumem corpo e vida próprios.

O que parecia ser o término de nossa ação é que realmente deu início à intervenção do eu-sujeito participante com o mundo. O mundo que não nos olha ao mesmo tempo. O mundo que está acontecendo em paralelo, independente e, por vezes, indiferente às nossas ações, aos nossos conceitos. A partir deste momento é que a intervenção aparece para aqueles usuários que a encontram com os olhos de ver e olhos de alma. Alma que deriva e flagra a presença do carinho deixado em forma de palavra, em forma de intervenção.

## 5. Deriv(ações)

Apresentamos nesta seção o aprendizado adquirido a partir dessa experiência sob três diferentes percepções e nossa percepção comum.

### 5.1. Visão Alfa

A intervenção me afeta na consideração das relações. Me desperta também para aspectos sustentáveis. Não expressei para a equipe, mas tinha muita preocupação com o lixo. Venho tentando ser mais consciente com meu consumo e descarte de materiais e levo isso para todas as esferas da minha vida. Essa relação do lixo com a intervenção urbana ficou circulando entre meus pensamentos durante alguns encontros. Principalmente naqueles em que nos eram apresentadas intervenções que geravam resíduos. Mas pude concluir que, além de me incomodar, essa situação também incomoda os outros e essa pode ser uma de suas potências como intervenção. Essa potência me faz recordar do texto *Coreopolítica e coreopolícia*, de Lepecki (2012), em que a (relação) política define os espaços transitáveis, e os atores envolvidos, direta ou indiretamente, delimitam as ações.

Outra lição aprendida na “Dinâmica Interventiva” é que intervenções estão abertas para fuga de roteiro. Resolvemos desenrolar os novos e cortá-los na metade,

devido à longa distância entre as árvores e o centro da praça. Na hora da execução nos enrolamos, literalmente. Esse fato, na hora de minha deriva, abriu alguns “portais”, como nós gostávamos de chamar os momentos reflexivos. Em primeiro lugar, carregar a lã de forma que não a de um novelo é bastante “humano” – cheio de falhas –, em segundo lugar, os nós que se formam nada mais são que percalços da vida e, por mais que você tente, em algum momento só uma tesoura pode te ajudar. Então, a partir desse nó cortado, você está livre para recomeçar (fig. 14).



Fig 14. Processo de desatar os nós do fio de lã. Fonte: autores (2019).

Estávamos em uma praça que se apresentou vazia, mas nas horas que passamos nos preparando para a intervenção, vimos muitas pessoas. Muitos casais. Muitas famílias. Alguns solitários. E o texto que nos serve de base traz isso também: intimidade. Intimidade que omitimos, mas que chamamos de: amar, conectar, encontrar, imaginar, lembrar e sonhar.

Era uma manhã cinza, duas semanas após a intervenção, e eu passava pela praça, seguindo meu caminho. Avistava as palavras, já disformes e cheias de marcas. Passei por uma pessoa que me perguntou: “E aí moço, quer um poema?”. Não tive reação porque instantaneamente lembrei-me do rapaz que nos abordou ao final de nossa intervenção com um bilhete escrito: “Espalhe amor por onde você for”.

Não sei descrever o momento. Não conheço a história desse rapaz que se apresenta como em situação de rua. Mas sei que estamos fazendo a mesma coisa em um mesmo lugar, levando amor. Fico inflado de amor pela cidade, por nossa sociedade.



Distantes só estão aqueles desconectados do mundo real. O presente é vivido no agora, e em carne e osso, longe de nossa (hiper)modernidade (virtual).

## 5.2. Visão Beta

A cidade vive para além de seus usuários e equipamentos, entranha-se por entre as relações e memórias que se abrigam nas sensações que estas nos deixam. Por que a experiência de uma pessoa em relação a um local é diversa da percepção de outra sobre este mesmo lugar? Acredita-se que é a construção diária, individual e situacional que torna a diferenciação possível. Cada pessoa se situa no mundo a partir das suas construções, valores, memórias e sobretudo dos sentimentos que a acompanham.

O corpo que se submete à intervenção, no seu sentido mais passivo de entrega total ao processo, atento aos recados, assim como a mente, pensa, grita, adocece...

A aprendizagem nos transforma; faz com que toda alimentação, que não apenas “conserva”: como bem sabe o filósofo. Mas no fundo de todos nós, “lá embaixo”, existe algo que não aprende, um granito de fatum (destino) espiritual, de decisões e respostas predeterminadas a seletas perguntas predeterminadas. Em todo problema cardinal fala um imutável “sou eu”; sobre o homem e sobre a mulher [...]. Logo deparamos com certas soluções de problemas que, justamente a nós nos inspiram uma forte fé; de ora em diante são chamados talvez de “convicções”. Mais tarde enxergaremos nelas apenas pistas para o autoconhecimento, indicadores para o problema que nós somos - ou, mais exatamente, para a grande estupidez que somos, para nosso fatum espiritual, o que não aprende “lá embaixo”. Depois da notável gentileza que acabo de endereçar a mim mesmo, talvez me seja permitido expor algumas verdades acerca da “mulher em si”: supondo que desde já se saiba que são apenas verdades minhas (NIETZSCHE, 2005, p. 125).

Sim, o aprendizado que nos transforma, que faz com que as “minhas verdades” se diluam e se mimetizem ao novo arsenal de palavras e leituras textuais ou corporais apresentados, transforma também o corpo que se coloca como instrumento desse processo, fazendo-o pensar, gritar e adoecer. A dor o faz parar. Ainda que momentaneamente é necessário ouvi-la. Deixar cicatrizar as novas feridas abertas onde o conhecimento permeou.

À mente atenta aos seus recados, o corpo devolve sua inesgotável resiliência e, em prontidão, se recupera e desperta. Desperta revigorado. Desperta e olha para dentro de si. Assim como a mente que passa pela transformação do aprendizado, o corpo também não mais se permite ficar no mesmo estado, agir da mesma forma. Precisa de e põe-se em movimento. E movimentando-se, se liberta. Já não é mais possível voltar atrás. Os gestos de carinho estarão acessíveis ao olhar atento a todo momento e se manifestarão das mais variadas formas.



Fig 15. Palavra Amar, um legado material efêmero da intervenção. Fonte: autores (2019).

Para estas pessoas, e cada uma a seu tempo, os recados foram deixados: imaginar um mundo coletivamente melhor, sonhar com condições dignas e de bem-estar, lembrar o que de fato vale a pena, conectar-se consigo e com o outro, encontrar alternativas para realizar o que faz o sorriso brilhar e, independentemente de qualquer condição, amar. Amar para transformar (fig. 15).

### 5.3. Visão Gama

Fico sensibilizada pela experiência. Na mesma noite, no estágio de quase sono, tenho uma visão de uma árvore enrolada em fios coloridos. Vermelho, azul, amarelo. As cores primárias que usamos.

Fico sensibilizada pelo encontro com uma realidade habitacional em espaço público que apenas tange a minha compreensão. A única pessoa que nos abordou durante a intervenção foi uma pessoa em situação de rua. Contou sua história. Sem documentos, vagando de lugar em lugar, sem trabalho. Pelo que percebemos, e depois investigamos, parece uma condição temporária. Pediu um troco para se alimentar. Em troca do troco, um papel onde se lê: "Espalhe amor por onde você for".

O corpo da equipe, sensibilizado pela ação, atrai o corpo do cidadão na condição pesquisada pela nossa intenção. Não parece real. Como explicar as reverbe-



rações? Para quem contamos, afetou. Para quem participou, afetou. Para quem viu, afetou.

Ser no mundo envolve uma desestabilização permanente. A impermanência. O transitório. O temporário. Que a minha inquietação com o que possa ser negativo reverbere em ação com o que possa ser positivo.

A Declaração dos Direitos Humanos prevê o direito à moradia. A sociedade encara a pessoa em situação de rua como um incômodo. Que contextos complexos são esses que levam uma pessoa a tal situação? (fig. 16). Cogito que seja uma consequência advinda de uma desestrutura maior. Social, familiar, psíquica. Ou todas, ou outras.



Fig 16. Pessoa dormindo na praça. Fonte: autores (2019).

Quem sou eu para compreendê-los? Se por um lado minha vivência é dissonante, por outro lado minha formação é consoante. Ou deveria ser. Ou pode vir a ser.

Trata-se de uma realidade que, nosso corpo (individual ou coletivo) aceite ou não, é da cidade. É da coletividade. Vamos resolver a questão promovendo arquitetura hostil? Vamos tentar levá-los para os abrigos temporários? Ou vamos experimentar outras possibilidades mais amáveis?

Suspiro. E desse suspiro surge uma compreensão mais profunda do território instável da diversidade urbana. A diversidade de corpos. A diversidade de significados do espaço público. E ainda, desse suspiro, emerge a desconstrução de qualquer imagem utópica, seja ela de sonho ou pesadelo.

A questão que se coloca para mim nesse momento é: qual a extensão da nossa disposição para acolher e abraçar a diversidade?

#### 5.4. O afeto coletivo

No curso da experiência tivemos uma identificação comum: foi como um portal. Entramos meio despertos, meio desavisados. Passamos pelo processo inquietos e afetados. Saímos transformados. A arte e sua potência sensibilizadora nos inspiraram, nos usaram e nos transformaram.

#### Referências

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

BOURRIAUD, N. *Radicante: por uma estética da globalização*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CARERI, F. *Caminhar e parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CERTEAU, M. de. *L'invention du quotidien. 1. Arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990.

DELEUZE, G. *O Abecedário de Gilles Deleuze* (transcrição de vídeo). 1996. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em: 06.12.2019.

DUARTE JR., J. F. *O sentido dos sentidos*. Curitiba: Criar Edições, 2001.

FONTES, A. S. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades*. 2011. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[https://0fd0f300-6430-4030-8267-1a7ba452ac2e.filesusr.com/ugd/886796\\_09799fff-22d24e6886a1f0fff776f7c8.pdf](https://0fd0f300-6430-4030-8267-1a7ba452ac2e.filesusr.com/ugd/886796_09799fff-22d24e6886a1f0fff776f7c8.pdf)>. Acesso em: 06.12.2019.

G1 SANTA CATARINA. *Praça Santos Dumont, em Florianópolis, apresenta falhas na estrutura*. 2019. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/praca-santos-dumont-em-florianopolis-apresenta-falhas-na-estrutura/7356058/>>. Acesso em: 06.12.2019.

GONÇALVES, R. *Tópicos especiais em urbanismo, história e arquitetura da cidade: inter(ven)ções urbanas – a arte e a arquitetura como construtora de dissensos*. 2019. Disponível em: <[https://docs.wixstatic.com/ugd/886796\\_96169aa1e387427fb83d-](https://docs.wixstatic.com/ugd/886796_96169aa1e387427fb83d-)

da7a92412ead.pdf>. Acesso em: 06.12.2019.

GUIA FLORIPA. *Trindade: praça Santos Dumont*. Disponível em: <<https://guiafloripa.com.br/cidade/bairros/trindade/pontos-turisticos/praca-santos-dumont>>. Acesso em: 06.12.2019.

HILLMAN, J. *Cidade e alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEPECKI, A. *Coreopolítica e coreopolícia*. Revista Ilha, v.13, n.1, p.41-60, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v-13n1-2p41/23932>>. Acesso em: 06.12.2019.

LLANSOL, M. G. *Entrevistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ND MAIS. *Construções abandonadas na praça Santos Dumont, na Capital, devem ser demolidas na próxima semana*. 2012. Disponível em <<https://ndmais.com.br/noticias/construcoes-abandonadas-na-praca-santos-dumont-devem-ser-demolidas-na-proxima-semana/>>. Acesso em: 06.12.2019.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PEIXE, M.; TAVARES, S. *A linguagem de padrões de Christopher Alexander: parâmetros projetuais para a humanização do espaço construído*. Arquitextos, v.212, p.01-11, 2018. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.212/6866>>. Acesso em: 06.12.2019.

SENNETT, R. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Submetido em: 29/10/2019

Aceito em: 29/01/2020